

A ESCOLA COMUNITÁRIA E A PRESERVAÇÃO DA CULTURA HERDADA

*Lissi Iria Bender Azambuja**

Réquiem para um imigrante

*No teu rosto
a extrema agonia
transformou-se em máscara
mortuária:
não, não, jamais esquecerei aquela tarde de sábado de verão
sol túrgido do céu de nossa terra em nossas faces
as flores
o cheiro de cemitério
e a veste preta
impecável
do pastor que entoava salmos
e imprecava contra o pecado
debaixo do guarda-chuva
que guardava o sol
mas não guardava os ventos quentes
que varriam o chão e as almas
enquanto partias
e contigo
todo um tempo:
Sim, eu sou o herdeiro!*

WEBER, João Hernesto. In: *Nós, os teuto-gaúchos*, p.311.

* Professora de Língua Alemã e de Literatura de Língua Alemã no Departamento de Letras e no Departamento de Comunicação Social da UNISC. Mestranda em Desenvolvimento Regional (UNISC).

Introdução

Neste artigo discutimos o papel das escolas na preservação e desenvolvimento da cultura herdada dos imigrantes alemães. Um papel, assumido e desempenhado pelas escolas comunitárias desde o início da imigração até que foi instaurado o movimento nacionalista que provocou uma ruptura profunda no cultivo da identidade teuto-brasileira dos descendentes. Cerceando uma possibilidade de integração harmoniosa destes, entre a sua cultura herdada e a cultura da terra que adotara os seus antepassados.

Por um longo período, os descendentes viram-se privados do uso da língua de seus antepassados e que, apesar das perdas, ainda sobrevive e se constitui hoje ainda em fator de diferenciação desta região em relação a outras, e, mais do que isto, é patrimônio dos descendentes que a praticam, conferindo-lhes a posição privilegiada de serem brasileiros aptos a se comunicarem em duas línguas. Língua esta ainda muito utilizada entre os descendentes de modo espontâneo, numa forma que serve mais do que para se comunicarem, pois tem também o profundo sentido de comungarem entre si de uma mesma identidade que os une. E que, além disso, os instrumentaliza para a busca de ampliação de seu conhecimento de mundo, a conhecer outros modos de viver, de pensar, de vivenciar realidades, e que pode, portanto, habilitá-los ao questionamento de diferentes realidades, podendo, por isso, torná-los agentes transformadores de sua própria realidade.

A escola, neste caso, é, conforme Sotelo (1991), “o mecanismo ideal encarregado de transmitir a cultura herdada de uma geração a outra”. A língua alemã é uma herança social de nossa comunidade, um bem a ser preservado por ser potencial gerador de transformação de nossa região.

A preservação de uma língua é muito importante, porque há que se considerar que a essência de uma cultura está na linguagem. Sotelo considera que é nas palavras que se concentram todas as experiências vivenciadas pelas gerações antecessoras. Que cada língua concretiza de maneira própria o relacionamento

do homem com a natureza. Que é através das palavras que se cria, se promove a continuação e a socialização da cultura; uma não sobrevive sem a outra.

Mais ainda, se considerarmos o que diz Gurevitch (1969), que “é do passado que se tira subsídio para o desenvolvimento futuro”, percebemos a importância de mantermos um olhar muito amoroso para com o nosso passado, preservando-o para tirar dele a seiva que nos possibilita o desenvolvimento futuro.

Para o presente trabalho, valer-nos-emos de documentação indireta, isto é, pesquisa em livros, artigos, revistas e ensaios acadêmicos, a fim de tentar elucidar a contribuição das escolas na preservação da língua no passado e o significado da intervenção nacionalista para os destinos do patrimônio herdado.

A contribuição das escolas comunitárias para o desenvolvimento das comunidades teutas e a ruptura imposta pela campanha de nacionalização do Governo Vargas

Os imigrantes que para cá vieram trouxeram consigo sua herança cultural esculpida num profundo sentido de religiosidade e educação. E atribuíram suma importância à escola, tanto que esta era erguida antes mesmo da capela ou da igreja e servia aos domingos como lugar de culto ou missa.

Para melhor entender o valor que a educação representava para os alemães, é preciso ter presente que procederam, conforme nos alerta Rambo (1994), de uma região européia de ricas tradições culturais. Tradições que trouxeram consigo e que aqui tentaram preservar e desenvolver, inclusive, para manter sua identidade cultural. O que foi extremamente difícil, visto que foram abandonados a sua sorte em ambiente extremamente hostil (conforme o próprio presidente Getúlio Vargas reconheceu em um de seus pronunciamentos). Estavam, entretanto, decididos a não abrir mão de seu passado cultural e religioso e o meio que encontraram foi a escola comunitária – a *Gemeindeschule* – uma idéia que veio junto na bagagem, que

naquele momento assumiu um significado muito maior do que ser somente um núcleo alfabetizador: era o suporte de que necessitavam para preservarem sua cultura, sua integridade social e religiosa.

Estas escolas não nasceram de modelos teóricos abstratos e sim da real necessidade das comunidades de se unirem e lutarem contra o isolamento, contra uma possível perda cultural iminente. Única riqueza trazida de além mar. E exatamente por isto, ela – a *Gemeindeschule* — foi pensada e estruturada para a formação integral do homem, e não apenas para a alfabetização imediatista e pragmática. Queria-se formar a personalidade como um todo, estruturada sobre bases e princípios éticos, morais e religiosos fortes o suficiente para evitarem a desintegração cultural, política, social, artística, moral e religiosa. A escola exercia a função de “centro polarizador da vida comunitária” (Rambo, 1994, p.19).

Foi este sentido da importância da escola, esta mentalidade de considerá-la fundamental que fez com que os alemães a elegessem prioridade absoluta, vindo sua instalação antes mesmo da capela ou igreja. O supremo valor dado à presença da escola é relatado em diversos textos. Rambo (1994), por exemplo, cita passagens que enfocam sua importância para a formação do ser humano:

“Há uma característica marcante das colônias alemãs. Nelas providencia-se em primeiro lugar uma escola. Ela serve ao mesmo tempo como templo, até que se disponha dos meios para mandar construir uma igreja.

Nas colônias dos poloneses e italianos, como nos povoamentos dos lusos, constrói-se em primeiro lugar uma igreja, que domina sozinha durante muito tempo. Instala-se uma escola quando o Estado o faz” (Niemeyer, 1926, p. 84).

Mais um excerto, que corrobora a afirmação acima, Rambo (1994) o encontrou num outro texto sobre a questão:

“É neste particular que o elemento germânico do nosso Estado se distingue em primeiro lugar do de outras nacionalidades. O português deixava a instrução inteiramente para o governo e só mandava os filhos esporadicamente às escolas públicas existentes. Para cada quinze ou vinte famílias de italianos já se exigia uma capelinha, porém, nada faziam para as escolas. Entre os alemães, a primeira providência era a instalação de uma escola” (In: “*Das Auswanderungsproblem*”, 1912, p. 24).

E mesmo quando não era possível se edificar uma escola, havia sempre quem se ocupasse com esta nobre tarefa, como muito bem pode se observar numa passagem de reminiscências organizadas por Paulo Gressler:

“Tio Weise nasceu aos 7 de abril de 1826 na Saxonia-Altenburgo (...) estudara na Alemanha jurisprudência e teologia. Concluindo seu estudo teológico abandonou a pátria sem esperar sua ordenação. Seguiu os três cunhados que há um ano haviam fixado residência em Rio Pardinho (...) Chegado a Rio Pardinho (...) com grande dedicação tio Weise ocupou-se com a instrução das crianças que ali cresciam sem escola. Fundou uma aula particular para ensinar os filhos das famílias Gressler. Breve, porém, filhos de outros pais também vieram participar das aulas de tio Weise. Assim foi se formando a primeira escola em Rio Pardinho” (Gressler, 1949, p. 131).

A primeira igreja teve sua pedra fundamental somente lançada em 17 de abril de 1865 em Rio Pardinho. Foi assim que os pioneiros não perderam suas raízes culturais. Mesmo que de

forma precária, restringindo-se ao essencial, mas “Tio Weise soube proporcionar a seus alunos extensos conhecimentos gerais. Disso ainda dão prova escritos e cartas deixados por seus ex-alunos” (Gressler, 1949, p. 131).

Com todo este empenho, já em 1875 a região central do Vale do Rio Pardo contava com 7 escolas comunitárias católicas instaladas, entre elas os Colégios *São Luiz* e *Sagrado Coração de Jesus*, além de muitas evangélicas, entre elas o Colégio *Mauá*.

Deste modo a escola evoluiu, passou da fase de improvisação para se constituir num projeto pedagógico mais amplo, graças à convicção das comunidades teutas de considerarem a escola um bem fundamental para sua formação humana. E assim, conforme levantamento feito por Rambo (1994, p.52), em 1920 a região contava com 58 escolas funcionando. Venâncio Aires tinha 20 escolas comunitárias; Santa Cruz do Sul, 26 escolas; Monte Alverne, 6 escolas e Sobradinho também 6 escolas.

Esta determinação dos antepassados legada aos descendentes teceu uma rede que unia os teuto-brasileiros “em torno de um propósito comum: o bem-estar espiritual, cultural e material dos imigrantes e de seus descendentes. Transformá-los em cidadãos brasileiros úteis, sem renegarem suas tradições culturais, eis a grande meta” (Rambo, 1994, p.75).

E foi tão bem sucedido este objetivo que

“Na década de 1930, já haviam organizado, na região rural do Estado, uma rede de 1.041 escolas comunitárias, com 1.200 professores. Praticamente não havia analfabetos nestas comunidades teuto-brasileiras, quando a média nacional, em área rural, ainda passava de 80% (...) Além de ter o maior número de escolas, o Rio Grande do Sul também tornou-se o centro tanto para a produção de material didático quanto para a formação de estruturas de apoio para as escolas da imigração alemã (...) Das 1.041 escolas teuto-brasileiras, em 1935, 579

eram escolas luteranas, 429 eram católicas e 42 eram mistas” (Kreutz, 1996, p. 146).

E o grande mérito da escola comunitária foi a alfabetização dos imigrantes e seus descendentes, ao mesmo tempo em que os auxiliava na preservação de sua herança, conservando em seus pontos essenciais uma cultura milenar trazida da Europa. Além disso, buscava integrá-los à nova pátria. Uma cultura se manifesta de múltiplas formas, principalmente pelo uso do idioma, pelo gosto à leitura, pela importância à formação integral do ser humano, pelo gosto por música, literatura e canto, além da religiosidade. E tudo isto produziu a realidade da década de trinta – comunidades fortalecidas culturalmente, com um índice de analfabetismo beirando o zero, letradas, posto que consumiam jornais, livros e informativos importados e muitos produzidos por eles mesmos. Entre estes encontrava-se o jornal *Kolonie* de Santa Cruz do Sul, à época um dos mais importantes do Rio Grande do Sul, que desempenhava um papel social importante na preservação do idioma e da identidade dos descendentes.

Todo este trabalho que a escola comunitária vinha arduamente construindo em conjunto com as comunidades teutas, visando principalmente o bem estar espiritual, cultural, material e de integração das comunidades com a nova pátria foi abruptamente interrompido pela campanha nacionalizadora que equivocadamente buscou, via camisa de força, proibir o uso da língua, fechar as tão bem sucedidas escolas, obrigar o *Kolonie* a mudar suas edições para o português exclusivamente, decretando indiretamente seu fim, visto que à época faltavam leitores em número suficiente para mantê-lo editado em língua que não fosse a alemã.

Por medo de que o Nacional-Socialismo da Alemanha pudesse avançar sobre as colônias teutas, aboliu-se o idioma alemão, pretendendo-se assim uma aculturação imediata e completa, empregando medidas violentas e desnecessárias. Uma vez que “a população evitou contestação pública, submeteu-se, mas não aceitou de bom grado a drástica mudança” (Kipper, 1979, p. 30). E nem poderia. Não se suprime hábitos, tradições, nem a essência cultural de um povo, sua língua, de uma hora para

outra, sem falar da violência psíquica que uma imposição destas significa.

Há que se considerar também que “cultura são realidades de grande duração” (Bourdieu). Isso, porque as características culturais são a base da identidade de um povo, necessárias para a sua sobrevivência. A campanha nacionalizadora produziu perdas incalculáveis, principalmente tirando dos imigrantes alemães sua escola tão arduamente conquistada, expoliando as famílias de seu direito sobre a educação dos filhos, de seu direito de preparar as crianças para integrá-las à comunidade, fortalecida na cultura herdada. Tudo isso culminou na exigência oficial de formação na escola pública, que, em última instância, tinha sido instaurada para servir aos interesses do Estado.

Apesar de tudo que pretendeu e conseguiu em seu intento, fomentando entre os jovens a aversão por tudo quanto remetesse à cultura alemã, o movimento nacionalista não atingiu sua meta suprema - a aculturação definitiva dos descendentes. Prova disto é que *Unter der Asche ist noch glut* (em baixo das cinzas ainda há brasas), como dizia o professor Müller (1980). E as brasas são os descendentes que vivem nesta região ainda hoje e que são a prova viva de que cultura é realidade de grande duração, posto que a destruição patrocinada não foi suficiente para apagar a língua e a cultura. Ela persiste e insiste em se fazer presente entre nós. Apesar de que, depois dos anos de repressão, nenhuma instituição representativa da região, nenhuma municipalidade tenha jamais se ocupado ou preocupado com a preservação desta riqueza cultural. Ainda assim ela continua insistindo em se fazer presente, principalmente entre os descendentes do meio rural, mesmo que no centro urbano se faça vista grossa e se alardeie que a língua está praticamente extinta - uma atitude cômoda para continuar deixando as comunidades teutas do interior abandonadas à sua própria sorte. A língua encontra-se debilitada, sim, pelas perdas decorrentes da imposição nacionalizadora varguista, mas continua viva entre nós.

Considerações finais

A língua continua presente em nosso cotidiano, principalmente em nosso interior onde ainda se vive e sonha muito em língua alemã. Apesar de não poder mais contar com a sua *Gemeindeschule*, que transmitia a cultura herdada de uma geração a outra; apesar de todo esforço no sentido de promover a rejeição em relação a tudo quanto se relacionasse com a cultura alemã; apesar de todo abandono e omissão, “a língua alemã, (como muito bem observa Tornquist (1997) em sua tese de doutorado, *Das hon ich von meiner Mama*), é uma realidade que merece atenção e documentação, pois apesar de já se passarem 170 anos da chegada dos primeiros imigrantes ao Rio Grande do Sul, ainda é falada entre seus descendentes, principalmente nas regiões rurais e sobre esta língua paira a ameaça de extinção”.

Apesar de tudo, a língua ainda é uma realidade existente e persiste entre muitos descendentes, falada de forma espontânea, numa linguagem que serve mais do que para se comunicarem; tem o sentido nobre de comungarem entre si uma mesma identidade que os une. E esta nossa riqueza é herança social de toda a coletividade desta região. E como Raffestin (1993, p. 131) analisa em sua obra, *Por uma geografia do poder*: “Nossa riqueza coletiva está na nossa diversidade. O ‘outro’ indivíduo ou sociedade nos é precioso na medida em que é diferente de nós”. Por isto torna-se mais importante ainda preservarmos esta diferença presente em nossa região. Exterminar esta diferença, impor um modelo único é uma forma de genocídio afirma o autor.

Raffestin (op. cit), com muita propriedade, questiona a nossa tendência de proteger a “diferença” no mundo vegetal e animal e em contrapartida “nos esforçamos em destruir a ‘diferença’ no mundo humano. O que nos coloca em risco, a longo prazo, de sermos vítimas desse nosso comportamento, dessa nossa atitude”. O sociólogo explica: “Não se trata de criar reservas humanas, como se faz no plano vegetal e animal, mas de postular o respeito às diferenças na perspectiva de utilidade futura que possam representar para o conjunto da espécie” (p. 139).

Assim, em vez de construirmos nosso lugar valorizando este potencial de diferenciação para promovê-lo, destacá-lo, tornando-o especial, diverso, como postula Tuan(1983), estamos exatamente num processo inverso. Estamos destruindo cada vez mais em nosso "Lugar" (nosso município e região) as características herdadas de nossos antepassados, transformando-o em "Lugar comum", sem resistência à "similaridade", à "banalização", numa tendência à "mesmice" a que a maioria dos lugares "são induzidos pela univocidade das técnicas", como afirma Santos(1996, p. 199).

Tuan(1983) postula a promoção e preservação consciente do "Lugar": "Não há lugar como o lar. O que é o lar? A velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação" (p. 5). Lugar, como define Tuan, é segurança, é repositório de nossas experiências íntimas, e, por isso, especial em nossa vida. E pode ser promovido pela comunidade e principalmente pelos meios de comunicação.

No passado, já tivemos exemplos eficazes de promoção deliberada de nosso lugar, através da promoção de nossa cultura herdada, que partiram da comunidade através de suas *Gemeindeschule* e da imprensa *Kolonie*. Hoje, a realidade é outra, mas podemos, partindo desses exemplos, com certeza gerar idéias e formas novas para preservarmos nossa herança cultural e construirmos nossa resistência à homogenização que avança entre nós.

Referências bibliográficas

- FISCHER, Luís Augusto, GERTZ, René (Coord.) *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996. v. I e II.
- GRESSLER, Paulo (Org.) *Os velhos Gressler*. (Tipografia Francisco G. Schmidt – Candelária) Venâncio Aires, RS, 1949.

- KIPPER, Maria Hoppe. *A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul (1937 – 1945)*. Santa Cruz do Sul: APESC, 1979.
- MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia alemã: histórias e memórias*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- RAMBO, Arthur Blásio. *A escola comunitária teuto-brasileira católica*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SOTELO, Francisco S. El concepto de cultura y los cambios culturales. *Sociologia*, ano 6, n.17, set./dez.1991, p. 11-25.
- TORNQUIST, Ingrid Margareta. *Das hon ich von meiner Mama*. Sweden: Swedish Science Press, 1997.
- GUREWITCH, Georges. *Os quadros sociais do conhecimento*. Rio de Janeiro: Moraes Eds, 1969.
- TUAN, Yi Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

